

Nome: Paula Bettani Mendes de Jesus

E-mail: paulabettani@yahoo.com.br

Instituição: USP

Orientadora: Dra. Tessa Moura Lacerda

O MAL DO SÉCULO: COMO PENSAR A DEPRESSÃO (MELANCOLIA) A PARTIR DE ESPINOSA

Resumo: O objetivo dessa comunicação é apresentar a maneira pela qual Espinosa entendeu aquela que, nos tempos de hoje, é denominada como a doença, ou melhor, o mal do século, a saber, a depressão. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), a depressão é a quarta maior patologia que afeta a humanidade, e dentro de aproximadamente 20 anos, há a probabilidade de que venha a se tornar a segunda maior patologia.¹ Nem sempre, no entanto, ela fora vista como uma doença. Embora atualmente seja cada vez mais discutido – o que não significa que esteja absolutamente claro e esgotado –, o tema da depressão não é algo novo. Desde há muitos séculos, este é um problema que perpassa os discursos filosóficos sob as mais distintas abordagens, todavia, através de um outro nome, melancolia. A adoção do termo depressão, pela psiquiatria somente se dá a partir do século XIX, antes disso, na medicina, na filosofia etc., tratamos da melancolia, seu correspondente primordial.

É bastante certo, e precisamos fazer essa consideração, que pela diferença tanto de época, quanto de pensamento, Espinosa apresenta uma visão da melancolia em vários aspectos distinta do que hoje entendemos como depressão. Porém, ainda assim julgamos que não deixa de ser uma interpretação e, uma contribuição importante para as discussões em torno desse tema. Sendo que, apesar das diferenças, supomos que seja possível estabelecer algumas relações. Atualmente, por exemplo, a medicina do comportamento demonstrou que há um vínculo estreito entre a saúde do corpo e a saúde da mente, de maneira que, mesmo entendendo a depressão como uma doença mental,

¹ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório sobre a saúde no mundo 2001: *Saúde mental: nova concepção, nova esperança*. Trad. Escritório Central da Oficina Pan-americana de Saúde. Genebra: OMS, 2001, p. VII.

seu tratamento não se restringe apenas a psicoterapias, mas também ao uso de antidepressivos, a prática de exercícios físicos, um melhor estilo de vida etc..

Como mostra o relatório da OMS “reconhece-se hoje em dia que os pensamentos, os sentimentos e o comportamento exercem significativo impacto na saúde física. Da mesma forma, reconhece-se que a saúde física exerce considerável influência sobre a saúde e o bem-estar mental”.² Esse não deixa de ser o pensamento que quatro séculos atrás Espinosa defendera, ao afirmar, na *Ética* que corpo e mente são uma só e mesma coisa, e que, por conseguinte, o que acontece em um, acontece no outro. O que significa dizer que não podemos ter uma mente ativa com o corpo passivo, nem tampouco um corpo ativo com uma mente passiva. Ou ainda, em outras palavras, ter um corpo doente e uma mente sã, ou uma mente doente e um corpo são.

Antes de Espinosa, no entanto, há já toda uma tradição de discussão a respeito da melancolia, tradição com a qual em vários aspectos ele irrompe. Até Galeno, passando por Hipócrates e Aristóteles, a melancolia fora vista como um temperamento natural, relacionado, sobretudo aos homens de caráter excepcional, isto é, aqueles homens voltados para as artes, a filosofia, a política etc.. Tanto assim que no *Problema XXX, 1*, Aristóteles questiona o porquê de os homens considerados excepcionais serem melancólicos.³ É somente a partir de Galeno que a melancolia passa a ser de fato compreendida como uma patologia, tal como hoje a entendemos – embora no período romântico, o sentido aristotélico de melancolia volte a ser resgatado. Sustentando a teoria humoral apresentada por Hipócrates, Galeno afirma que a melancolia é uma doença decorrente do desequilíbrio entre os quatro humores,⁴ mais especificamente diz que ela resulta da inundação do cérebro pela bÍlis negra. A noção galênica da melancolia como uma doença, parece ser apropriada pelo cristianismo, o qual conferindo a ela uma concepção de ordem religiosa a associa à noção de acedia, um pecado caracterizado pela tristeza, preguiça, falta de ânimo, de esperança com as coisas espirituais etc..⁵

² Relatório sobre a saúde no mundo, OMS, p. 6.

³ Aristóteles concebe a melancolia como um temperamento natural, neste sentido não é uma doença, embora possa vir a ser. Cf. ARISTÓTELES. *O homem de gênio e a melancolia: problema XXX, 1*. Trad. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.

⁴ Sangue, fleuma, bÍlis amarela, e bÍlis negra, os quais correspondem respectivamente aos seguintes temperamentos: sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico.

⁵ Como mostra ChauÍ-Berlinck, na Idade Média a melancolia, acedia, designa “um acontecimento de ordem religiosa, a desesperança de salvação, que torna a alma indolente e desleixada, lançando-a na inércia, uma atitude pervertida e pecaminosa, um vício espiritual (pois é ausência de uma das virtudes

De maneira geral são essas noções que chegam até o século XVII e é diante delas que posicionamos o pensamento de Espinosa. Para ele a melancolia não é o estado criativo dos românticos; não é uma patologia da alma, uma vez que afeta a totalidade do indivíduo, isto é, mente e corpo; não é um pecado, não é uma possessão demoníaca e, por fim, não é uma tristeza de cunho existencial.⁶ O que é, portanto, a melancolia para Espinosa? Para respondermos essa questão é preciso salientar, sobretudo que o filósofo holandês pensa a dinâmica da vida afetiva através da noção de variação ou, graus de potência. Neste sentido, por alegria compreende o aumento da potência, ou o que é o mesmo, a passagem de uma perfeição menor a uma perfeição maior e, por tristeza, por sua vez, a diminuição da potência, isto é, passagem de uma maior a uma menor perfeição. A melancolia será totalmente o oposto, isto é, um estado de tristeza profunda em que a potência do indivíduo fica estagnada. Sua definição se segue às definições de alegria e tristeza, Espinosa diz:

Além disso, chamo o afeto da alegria, quando está referido simultaneamente à mente e ao corpo, de excitação ou contentamento; o da tristeza, em troca, chamo de dor ou melancolia. Deve-se observar, entretanto, que a excitação e a dor estão referidas ao homem quando uma de suas partes é mais afetada do que as restantes; o contentamento e a *melancolia*, por outro lado, *quando todas as suas partes são igualmente afetadas*.⁷

Enfim, é sobretudo a partir dessa definição, e da compreensão da melancolia como um “fenômeno total”, que pretendemos pensar o que hoje entendemos por depressão.

Palavras chave: Depressão, afetos, melancolia, tristeza, Espinosa.

cardeais, qual seja a esperança)”. CHAUI-BERLINCK, Luciana. Melancolia e Contemporaneidade. In: *Cadernos Espinosanos*. São Paulo, nº 18, p. 40, 2008.

⁶ REFLEXÃO SOBRE A DEPRESSÃO E A MELANCOLIA À LUZ DE ESPINOSA PARTES 2 e 3. Seminário com Homero Santiago. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hnRCkk62VA4> e <https://www.youtube.com/watch?v=zuHCcLrJ5-8>. Acesso em agosto de 2015.

⁷ ESPINOSA, Baruch. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 177- 179. Grifos nossos.